

Painel 14: Da expulsão à cidadania

"Do exílio à pertença"

Em 1492, os judeus de Espanha foram expulsos por decreto real. Em 1497, os judeus em Portugal, muitos dos quais tinham fugido recentemente de Espanha, foram convertidos à força ao cristianismo. Estes acontecimentos reconfiguraram a história judaica em todo o mundo moderno inicial. Os judeus sefarditas dispersaram-se pelo Norte de África, Itália, Império Otomano, Amesterdão, Londres, Caraíbas e Américas, construindo novas comunidades no rescaldo da violência e da perda. Em todo o mundo sefardita, a vida judaica perdurou através do exílio, do segredo, da migração, da memória e da adaptação. A história traçada por esta exposição conclui com o reconhecimento de que as mesmas comunidades moldadas pela expulsão tornaram-se, ao longo de gerações, coautoras de uma república assente no princípio de que os direitos pertencem aos cidadãos por lei e não por graça real.

A expulsão de Espanha não foi apenas um momento de deslocamento físico; tornou-se uma memória histórica constitutiva que moldou a identidade sefardita durante séculos. Os judeus sefarditas levaram consigo as línguas, costumes, tradições religiosas, redes familiares e memórias da Península Ibérica para onde quer que se estabelecessem. No Império Otomano, muitos encontraram novas oportunidades para reconstruir a vida comunitária; no Norte de África, Itália e cidades portuárias do Atlântico, as famílias sefarditas criaram redes de comércio, erudição e continuidade religiosa. A diáspora tornou-se simultaneamente uma resposta à perseguição e uma fonte de notável resiliência. O exílio dispersou as comunidades, mas também as conectou através de continentes, criando a infraestrutura atlântica de confiança e intercâmbio que se revelaria significativa nos séculos posteriores. As conversões forçadas em Portugal acrescentaram outra camada a esta história. Muitos judeus portugueses tornaram-se cristãos-novos sob coação, uma designação que os sujeitou à vigilância, à discriminação e à ameaça contínua de investigação inquisitorial. Alguns descendentes destas famílias de conversos acabaram por regressar abertamente ao judaísmo em lugares como Amesterdão, Livorno, Londres e Caraíbas. Estas comunidades desenvolveram entendimentos sofisticados da identidade judaica e da sobrevivência cívica, moldados por gerações a navegar entre a conformidade pública e a fé privada.

Quando os judeus sefarditas e os seus descendentes entraram na América do Norte, já carregavam esta longa história de deslocamento e reconstrução. A sua presença na América colonial e da primeira república foi numericamente reduzida, mas historicamente significativa. Os judeus sefarditas ajudaram a estabelecer algumas das primeiras comunidades judaicas na América do Norte, participaram no comércio, construíram sinagogas, apoiaram instituições comunitárias e integraram-se gradualmente na vida cívica. A sua história desafia a suposição de que a história americana inicial se desenrolou no seio de uma sociedade cultural ou religiosamente homogénea. A partir do período de fundação, a América foi moldada por migrantes, minorias religiosas e comunidades cujas histórias se estendiam muito além da costa atlântica. O contraste entre expulsão e cidadania é central para a compreensão da experiência sefardita americana. Em Espanha, os judeus tinham sido expulsos por decreto real. Em Portugal, tinham sido forçados à conformidade religiosa sob pena de morte. Nos Estados Unidos, emergiu lentamente uma ordem política diferente, alicerçada no direito constitucional e no princípio de que a identidade religiosa não deveria determinar os direitos cívicos. A proibição constitucional federal de testes religiosos para cargos públicos e a proteção da Primeira Emenda ao livre exercício da religião representaram um afastamento fundamental das tradições europeias nas quais a história sefardita se tinha formado. Esta transformação foi genuinamente significativa para os judeus americanos, mesmo coexistindo com o preconceito social persistente e com as lutas contínuas pela igualdade plena.

As numerosas figuras da exposição, entre as quais Gershom Mendes Seixas, Francis Salvador, Haym Salomon, David Levy Yulee, Benjamin Cardozo e Emma Lazarus, representam, cada uma, diferentes dimensões da viagem desde a expulsão até à cidadania. Foram mercadores, soldados, financeiros, líderes congregacionais, juristas, políticos e poetas cujas contribuições foram feitas em casas comerciais e tribunais, em sinagogas e câmaras legislativas, e nas páginas de poesia publicada. Juntas, demonstram que uma comunidade formada pelo exílio pôde tornar-se, ao longo de gerações, uma comunidade que ajudou a moldar o carácter legal, cultural e moral da república que lhes ofereceu refúgio. A frase em ladino **Del esilio al sivdadano** (do exílio ao cidadão) capta o movimento essencial desta história, e **La paz viene kon la justicia** (a paz vem com a justiça) lembra-nos que a pertença autêntica exige mais do que tolerância. Exige direitos, dignidade e proteção igual perante a lei.